(I)MOBILIDADES NA PRÉ-HISTÓRIA

PESSOAS, RECURSOS, OBJETOS,
SÍTIOS E TERRITÓRIOS

RAQUEL VILAÇA
RODRIGO SIMAS DE AGUIAR
(COORDS.)

IMPrensa DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

PRÉ-IMPRESSÃO

José Luís Madeira

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

PRINT BY

KDP

ISBN

978-989-26-1955-2

ISBN DIGITAL

978-989-26-1956-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1956-9>

© MARÇO 2020, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(I)mobilidades : pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios / coord. Raquel Vilaça, Rodrigo Simas de Aguiar Esteves Gomes. – (Documentos)

ISBN 978-989-26-1955-2 (ed. impressa)

ISBN 978-989-26-1956-9 (ed. eletrónica)

I – VILAÇA, Raquel, 1958-

II - AGUIAR, Rodrigo Simas de

CDU 903

(I)MOBILIDADES NA PRÉ-HISTÓRIA

PESSOAS, RECURSOS, OBJETOS,
SÍTIOS E TERRITÓRIOS

RAQUEL VILAÇA
RODRIGO SIMAS DE AGUIAR
(COORDS.)

IMPrensa DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

CAPÍTULO 2

Territórios e mobilidade dos caçadores-recolectores do Vale do Côa a diferentes escalas

Hunter-gatherers' territories and mobility in the Côa Valley at different scales

Thierry Aubry
Fundação Côa Parque. UNIARQ
thaubry@sapo.pt
orcid: 0000-0003-0071-3361

Luís Luís
Fundação Côa Parque. UNIARQ
luisluis@arte-coa.pt
orcid: 0000-0002-1022-6367

André Tomás Santos
Fundação Côa Parque. UNIARQ
a.t.santos@sapo.pt
orcid: 0000-0001-9937-6523

Resumo

Os vestígios arqueológicos do Paleolítico Superior do Vale do Côa informam-nos dos recursos, dos espaços geográficos explorados e da mobilidade dos grupos humanos coevos a diferentes escalas. Uma delas é a escala do território de exploração dos recursos abióticos dos grupos que habitavam mais frequentemente na região, cuja existência é corroborada pela presença sistemática de algumas matérias-primas,

por vezes, só disponíveis em fontes muito localizadas. Dada a diferença funcional entre os sítios do fundo do Vale do Côa e os localizados no planalto circundante, podemos inferir padrões de mobilidade e de exploração do território de periodicidade provavelmente anual por parte desse grupo. A origem de parte das matérias-primas líticas identificadas nas escavações da região, proveniente de pontos, quer do interior da Meseta, quer do litoral estremenho, podem refletir fenómenos de mobilidade de espectro mais amplo, designadamente de grupos que, explorando territórios mais afastados, se encontrariam no Côa com uma periodicidade distinta. A ocorrência destes momentos de agregação de vários grupos provenientes de outros territórios parece também atestada pela grande concentração de arte rupestre no vale, assim como pelas características da sua arquitetura parietal, cujo estudo implica a abordagem da mobilidade a uma escala muito mais detalhada, designadamente à que se infere a partir do estudo da sua distribuição espacial e da relação entre os diversos painéis. Neste trabalho debruçar-nos-emos sobre o fenómeno da mobilidade durante o Gravettense abordado a partir destas várias escalas de análise, procurando daqui extrair um quadro mais claro sobre as comunidades que habitavam a região e que a ela acediam periodicamente.

Palavras-chave: Paleolítico Superior; Mobilidade; Arte rupestre; Matérias-primas líticas; Vale do Côa.

Abstract

The archaeological remains of the Upper Palaeolithic of the Côa Valley inform us of the resources, the geographical spaces explored and the mobility of the human groups at different scales. One is the scale of the territory of exploitation of the abiotic resources of the groups that most frequently lived in the region, whose existence is corroborated by the systematic presence of some raw materials, sometimes only available from very localized sources. Given the functional difference between the valley bottom sites of the Côa Valley and those located in the surrounding plateau, we can infer patterns of mobility and territory exploitation of a probable annual periodicity. The origin of some of the lithic raw materials identified in the excavations of the region, both from the interior of the Iberian Plateau and from the coast of the Portuguese Estremadura, may reflect

broader spectrum mobility phenomena, particularly groups that, exploring more distant territories, which would meet in the Côa with a different periodicity. The occurrence of these moments of aggregation of various groups from other territories also seems to be attested by the great concentration of rock art in the valley, as well as by the characteristics of its parietal architecture, whose study implies the approach to mobility on a much more detailed scale, which is inferred from the study of their spatial distribution and the relationship between the various panels. In this work we will look at the phenomenon of mobility during the Gravettian seen from these various scales of analysis, seeking to extract a clearer picture of the communities that inhabited the region and that access to it periodically.

Keywords: Upper Palaeolithic; mobility; rock art; lithic raw materials; Côa Valley.

0. Introdução

A mobilidade é uma das características definidoras das sociedades de caçadores-recoletores, juntamente com o igualitarismo, o padrão de fusão e fissão e o regime de propriedade coletiva (Lee e Daly, 1999). Ela constituiu-se mesmo como um dos elementos definidores da própria ética do caçador-recoletor e da sua relação com o mundo, embora existam também, em contextos ambientais muito específicos, sociedades de caçadores-recoletores totalmente sedentárias (e.g. Noroeste Pacífico da América do Norte).

A mobilidade é, fundamentalmente, uma resposta das sociedades humanas à variação geográfica e sazonal dos recursos de que depende a sua subsistência. Entre as sociedades humanas, a mobilidade raramente é individual e implica a deslocação de grupos de pessoas e objetos, ainda que poucos. Consoante o tipo de alimento preferencial destes grupos humanos (animais terrestres, recursos aquáticos ou plantas) e a produtividade da área por eles explorada, as deslocações dão-se com mais ou menos intensidade, sendo os respetivos territórios de exploração de diferentes dimensões. Assim, as comunidades essencialmente dependentes da caça de animais terrestres são as que necessitam de se deslocar mais vezes e por áreas maiores (Binford, 2001, 278). Não espanta assim que as densidades populacionais mais baixas se encontrem entres estas comunidades, seguidas das que

dependem das plantas e, finalmente, das que dependem de recursos aquáticos (Binford, 2001, 214).

Quando em dada área se atinge determinada densidade populacional, parte da comunidade é assim obrigada a separar-se e procurar outro território de exploração, desde que tenha as condições técnicas que o permitam (Binford, 2001, 439). Mas o espaço não é ilimitado e chegar-se-á a um momento que não haverá novo território para ocupar. Nesse momento, chegar-se-á a um outro limiar — o *packing threshold* —, a partir do qual os grupos humanos são forçados a entrar num processo de intensificação, isto é a procurar soluções que lhes permitam conseguir mais comida a partir de menos território (Binford, 2001, 188). No caso das comunidades dependentes de animais terrestres, isto passará pela diversificação da dieta, passando os animais mais pequenos a terem uma importância fulcral (Binford, 2001, 381), mas, a longo prazo, estas comunidades deverão passar a depender mais de recursos aquáticos ou de vegetais terrestres (ou de ambos), uma vez que ambos os recursos exigem menos disponibilidade territorial (Binford, 2001, 210, 222)¹.

Com os dados que dispomos de momento, parece seguro poder afirmar-se que as populações da Europa do Sudoeste durante o Paleolítico Superior seriam essencialmente dependentes da carne de animais terrestres (e.g. Binford, 2001, 491, nota 10), existindo alguns indícios que uma maior dependência do peixe se terá começado a verificar a partir dos finais do Magdalenense/ inícios do Azilense (Le Gall, 2009). Devemos assim admitir uma densidade populacional baixa, tal como proposto pela maior parte dos autores (Zilhão, por ex., propõe 0,05 hab./ km² para a Extremadura portuguesa [Zilhão, 1997, 149], ainda assim acima dos 0,034 referidos por Binford para os grupos de caçadores, mas longe dos 0,105 dos dependentes de plantas e ainda mais dos 0,179 dos de recursos aquáticos [Binford, 2001, 214]).

A assunção de que as comunidades que viveriam na Europa

---

¹ *packing threshold* pode ser contrariado por um processo de extensificação, que consiste na conquista de novos nichos ecológicos graças à adopção de novas práticas. Um exemplo paradigmático deste fenómeno foi a colonização das pradarias americanas, só conseguida após as comunidades nativas terem adoptado o cavalo doméstico (Binford, 2001, 346-347).

durante o Paleolítico Superior seriam essencialmente dependentes da caça é muito importante, porque nos dá outra pista sobre o tipo de mobilidade que podemos esperar destas populações. De facto, Binford distinguiu duas estratégias básicas de exploração do território por parte de comunidades nómadas de caçadores-recolectores: uma própria de *foragers*, que designou como de tipo residencial; e outra própria de *collectors*, que caracterizou como de mobilidade logística (Binford, 1980).

A mobilidade residencial caracteriza-se por uma exploração dos recursos em torno do campo base. Quando é atingido o ponto de rendimento decrescente, todo o grupo se movimenta para uma nova área. A mobilidade logística caracteriza-se pela existência de um campo base, mas a partir do qual se deslocam grupos de trabalho específicos por períodos mais ou menos longos. Este acampamento base vai mudando a sua localização ao longo do ano, chegando mesmo a dissolver-se periodicamente para dar lugar a vários pequenos acampamentos autossuficientes.

Estes dois tipos de mobilidade humana estão relacionados com a distribuição e a mobilidade própria dos recursos (Binford, 2001, 254, 276). A mobilidade residencial está sobretudo relacionada com recursos com baixa ou nenhuma mobilidade, caracterizando sobretudo sociedades com grande dependência de recursos vegetais. Já a mobilidade logística está relacionada com sociedades mais dependentes de animais terrestres. Assim, previsivelmente, na Europa é este último modelo que devemos poder identificar no registo arqueológico do Paleolítico Superior, embora a importância dos recursos marinhos, sobretudo entre as comunidades litorais não seja de descurar (Dupont e Marchand, dirs., 2016).

Uma característica geral de todas as comunidades de caçadores-recolectores é a existência anual de períodos de agregação seguidos de períodos de fissão. Isto é, a dimensão do grupo em que cada indivíduo se integra vai-se alterando ao longo do ano. Binford, considerou mesmo útil distinguir duas variáveis demográficas que identificou como grupo 1 — dimensão do grupo durante a fase mais dispersa do ano — e grupo 2 — dimensão do grupo durante a fase mais agregada do ano (2001, 117). Frente a esta fluidez numérica do grupo ao longo do ano, devemos contar ainda com uma certa

fluidez ao nível da composição desses grupo e das relações que estes estabelecem com os territórios que exploram anualmente (e.g. Lee e Devore, 1968, 7-9; Layton, 2009 [1992], 31; Hill *et al.*, 2011, Kelly, 2013 [1995], 230). Isto é, frente à ideia tradicional que via o bando como uma unidade patrilocal que explorava um território do qual era proprietário por via de relações específicas de pertença, hoje sabe-se que o bando é uma estrutura que pode ser composta por pessoas com diferentes origens e ligações de pertença a outros territórios que não aquele que exploram quotidianamente.

Tendo em conta a relativa heterogeneidade familiar do bando, a baixa densidade populacional das comunidades de caçadores-recolectores de recursos animais terrestres e os amplos territórios pelos quais se distribuem estas comunidades, não surpreende que tenham aparecido em cena mecanismos que garantam a satisfação de outras necessidades sociais para a sobrevivência destas comunidades que não as que se prendem estritamente com a subsistência, como sejam as trocas matrimoniais ou o reforço dos laços de solidariedade entre comunidades distanciadas largos quilómetros entre si. Entre estes mecanismos contam-se as grandes agregações de periodicidade anual ou superior, que juntam pessoas vindas, por vezes, de várias centenas de quilómetros de distância e que chegam a falar diferentes línguas. Estas agregações são de tal forma relevantes que Binford se sentiu na necessidade de criar uma terceira unidade demográfica (grupo 3), para caracterizar quantitativamente estas agregações, que se distinguem das outras também pelo facto de não responderem apenas a necessidades de subsistência (Binford, 2001, 213). Será igualmente de destacar o contraste entre a elevada frequência deste tipo de agregações entre as comunidades australianas (que motivou a criação desta variável) e a sua raridade entre as sociedades com mais elevada densidade populacional, como são as do Noroeste do Pacífico (onde estas agregações se identificaram apenas em 4 dos 32 casos permanentes) ou as comunidades do litoral do ártico com aldeias de Inverno permanentes (Binford, 2001, 350).

No Côa, temos evidências que julgamos poderem relacionar-se com alguns dos fenómenos descritos até aqui, particularmente no que toca aos vestígios arqueológicos do Gravettense. Assim, no próximo capítulo vamos procurar caracterizar a mobilidade ao nível

do território de exploração anual, procurando fazê-lo a partir das fontes de matéria-prima local, exploradas essencialmente durante as atividades de subsistência quotidiana dos bandos (Binford, 1979), e das diferenças entre alguns dos sítios escavados que poderão ser explicadas no quadro de um sistema de mobilidade logístico.

No capítulo seguinte, procuraremos estudar o fenómeno da mobilidade a longa distância, através das fontes de matéria-prima de âmbito não local. Este capítulo resulta fundamentalmente de análises que associam algumas ferramentas dos Sistemas de Informação Geográfica, como os caminhos de menor custo, aos dados geológicos e arqueológicos obtidos a partir do Vale do Côa (Aubry *et al.*, 2012; 2015; 2016b; 2016a). Estas ferramentas permitem determinar o esforço (calorias ou tempo) despendido a viajar através de uma determinada paisagem, e identificar os caminhos ótimos entre dois pontos nessa paisagem, tendo em consideração os obstáculos físicos ao movimento como a topografia ou os rios (van Leusen, 2002; Wheatley e Gillings, 2002). As limitações destas ferramentas estão relacionadas com os diferentes tipos de algoritmos utilizados. (Herzog, 2010), mas sobretudo com o facto de não poderem ter em conta constrangimentos culturais e sociais ao movimento. Por outro lado, baseando-se em modelos digitais do terreno, elas estão fortemente dependentes da sua precisão e resolução (Wheatley e Gillings, 2002), pelo que as análises de custo de superfície não devem ser tomadas como absolutas, mas antes como uma análise probabilística do tempo e espaço viajados entre dois pontos (van Leusen, 2002). Este tipo de estudos é de fundamental importância para o estudo da mobilidade a longa distância. De facto, sendo a mobilidade das sociedades de caçadores-recolectores fortemente dependente da distribuição desigual, sazonalidade e mobilidade dos recursos de que dependem, uma das formas de estudar a mobilidade deste tipo de sociedades no passado reside no estudo da proveniência dos recursos identificados no registo arqueológico, mas a preservação diferencial faz com que a esmagadora maioria se baseie essencialmente no dos líticos². As evidências dos deslocamentos a longa distância observados

---

² Ainda numa fase inicial, a análise a partir dos isótopos de estrôncio tem vindo a abrir novos caminhos para o estudo da mobilidade, sobretudo a longa distância, deste tipo de recursos e até mesmo de indivíduos (Bentley, 2006).

em grupos de caçadores-recolectores do presente (Féblot-Augustins e Perlès, 1992) autorizam a que interpretemos alguma desta matéria-prima quer como resultado de expedições com destino a uma ou mais fontes específicas (Gould e Saggers, 1985), quer como resultado de trocas de matérias-primas ou mesmo de utensílios entre grupos distintos (Gamble, 1999). Estas trocas ocorrem não raras vezes durante os períodos de conformação das unidades demográficas denominadas por Binford como “grupo 3”, às quais aludimos acima. Como veremos, o estudo das matérias-primas líticas alóctones aponta para a existência periódica de uma unidade deste tipo na região.

Esta hipótese ver-se-á corroborada pela análise a que procederemos da arte rupestre do amplo território por onde se distribuem as fontes de matéria-prima alóctone encontradas no Côa. Num primeiro momento apresentaremos as diferenças entre as estações do Côa e as restantes e, em seguida, procuraremos demonstrar como a relação que se estabelece entre as estações do Côa pode ser indicativa de que a região foi realmente ocupada periodicamente pelo grupo 3 de determinada entidade social. Essa relação será inferida a partir de uma abordagem no âmbito da “arquitetura parietal”, tal como definida por D. Vialou (2004), mas estendida à escala da paisagem. Nesse sentido, o movimento entre painéis (que nos dá, segundo D. Vialou, a dimensão temporal da arquitetura parietal) revelar-se-á de crucial importância.

1. A mobilidade no território de exploração quotidiano

Definir os padrões de mobilidade de caçadores-recolectores pré-históricos num dado território, assim como a intensidade da sua ocupação ou mesmo a sua dimensão, são inferências particularmente delicadas, devido à dificuldade em avaliar a contemporaneidade absoluta entre os diversos níveis de ocupação detetados nos sítios estudados desse território. Estes apresentam vestígios que denotam uma tradição técnica/cultural semelhante, mas é extremamente difícil precisar a intensidade da ocupação ou das sucessivas ocupações identificadas em cada um dos sítios, ou ainda o intervalo de tempo preciso durante o qual se formaram os depósitos estudados.

De facto, dada a ausência de restos faunísticos que caracteriza a maior parte dos sítios ao ar livre, é difícil estabelecer a sazonalidade

e o tempo de constituição de um conjunto de artefactos que agora aparecem numa só unidade lito-estratigráfica. Os vestígios podem resultar de uma única fase de ocupação ou de ocupações sucessivas anuais ou plurianuais, podem decorrer de um acampamento que durou apenas alguns dias ou de um que se prolongou por vários meses.

A análise dos vestígios líticos, em particular através das remontagens entre os restos de pedra lascada, ou entre os elementos pétreos utilizados naslareiras, é um elemento fundamental para tentar ultrapassar este constrangimento. Com este tipo de análise, é possível estabelecer uma relação objetiva de carácter temporal entre vestígios, que se expressa no faseamento de várias fases de debitage, realização de utensílios ou de utilização de elementos pétreos utilizados em estruturas de combustão (Leroi-Gourhan, 1973; Leesch, 1997; Aubry, Chauvière e Sampaio, 2009).

A carta de repartição dos sítios no território estudado é a primeira indicação da mobilidade dos grupos humanos que abandonaram os vestígios que se conservaram até aos nossos dias. Todavia, esta carta pode alterar-se rapidamente em função das novas descobertas. Desde já, no Vale do Côa, a distribuição dos sítios mostra a frequentação e utilização de nichos ecológicos variados e não só dos fundos de vale conhecidos por preservar os vestígios de arte (Fig. 1).

As comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico Superior exploraram, na região, dois grandes tipos de nichos ecológicos: os fundo dos vales (e.g. Cardina e Fariseu, para além dos sítios com arte) e o planalto granítico — limite ocidental da Meseta — onde ao longo das atuais linhas temporárias de água se identificaram vários sítios (sítios das Olgas). Não nos podemos, no entanto, esquecer dos fatores geomorfológicos que dificultam a preservação de vestígios arqueológicos nas vertentes rochosas, que constituem a maior parte da área da bacia do Vale do Côa. Ainda assim, é possível, proceder a algumas inferências relativas à mobilidade e ao povoamento destas comunidades, tendo como base alguns dados etnológicos, alguns dos quais já referidos anteriormente.

Os vestígios de habitat encontrados sugerem, como previsto acima, uma mobilidade baseada na exploração dos recursos de diversos nichos ecológicos, com diferenças marcadas ao nível da

quantidade de água disponível e da diversidade faunística e vegetal. É preciso, no entanto, não perder de vista que esta diversidade é inferida indiretamente. De facto, a reconstituição da localização dos recursos bióticos do Paleolítico, dada a extrema raridade de restos macro-orgânicos coevos, assenta em reconstituições paleoambientais elaboradas com base no registo sedimentológico das escavações da região e dos arquivos em ambiente marinho (Aubry *et al.*, 2002, 2010).

Outra fonte de estudo para o estudo da mobilidade é a identificação das fontes de matéria-prima lítica. De facto, apesar da variabilidade sazonal do coberto vegetal, do gelo periódico dos solos ou da submersão esporádica que podem condicionar periodicamente o acesso a estas fontes, elas estarão sempre disponíveis em alguma altura do ano. Nesta condição, um conhecimento pormenorizado das fontes potenciais de matéria-prima lítica é essencial para a inferência da mobilidade de um grupo (Aubry *et al.*, 2002, 2009, 2012, 2016b). O estudo da deslocação de utensílios, nódulos ou lascas de certas matérias-primas líticas, e o da funcionalidade dos utensílios, a partir do estudo do desgaste dos gumes visível à escala microscópica (Igreja, 2009), são essenciais para reconstituir parte das atividades efetivamente realizados num sítio. A recorrência de alguns padrões detetados no âmbito destes estudos permitem-nos proceder a inferências relativas à exploração dos recursos abióticos e bióticos explorados, direta ou indiretamente, pelo grupo que deixou os vestígios num sítio.

As estruturas, quando os processos sedimentares permitem a sua preservação, são um outro elemento essencial para o estudo da organização espacial e das atividades desenvolvidos em cada nível de ocupação dos sítios, atividades que nos podem dar pistas relativamente à funcionalidade dos sítios e consequentemente ao seu lugar numa rede de povoamento mais vasta. No Vale do Côa, as estruturas evidenciadas nos acampamentos são essencialmente constituídas por agrupamentos de pedra com indícios de aquecimento. Estas estruturas, ditas de combustão, podem ser acumuladas numa superfície plana (Olga Grande 4 e 14, Cardina I), ou em fossas (Cardina I). O estudo das remontagens entre os elementos pétreos das estruturas de combustão dos níveis de ocupação gravettenses do planalto granítico, a par do estudo sistemático das suas indústrias líticas revelou padrões que evidenciam ocupações sucessivas dos sítios, provavelmente curtas e sazonais, especializadas

na atividade cinegética e de conservação da carne, provavelmente de grandes herbívoros. De facto, as pontas e lamelas ligadas e este tipo de atividades são maioritárias nestes sítios (Igreja, 2009). A sazonalidade destas ocupações é inferida a partir dos resultados das análises sedimentológicas que demonstraram que durante o Gravettense haveria ali acumulações sazonais de água, provavelmente resultantes do degelo, o que seria um importante recurso num período mais frio e mais seco que o atual, sobretudo devido ao seu poder de atração das manadas de grandes herbívoros (Aubry *et al.*, 2003, 90-91). A sazonalidade da presença da água (apenas na primavera) deve assim ter condicionado a sazonalidade da presença humana.

As lajes de quartzo filoniano utilizadas na construção das grandes estruturas de combustão dos *loci* de Olga Grande 4 e 14 provêm de uma fonte localizada a uma distância de algumas centenas de metros. O esforço desta deslocação é bem evidência da importância estratégica do lugar, muito provavelmente relacionada com a proximidade de um lugar de abate da caça. Esta seria, previsivelmente, mais frequente quando estavam disponíveis as acumulações sazonais de água referidas atrás, imediatamente a seguir ao degelo.

Os vestígios coevos de fundo de vale (e.g. Ínsula e Cardina I) são substancialmente diferentes. Nestes acampamentos, localizados nas proximidades dos cursos principais de água, os vestígios líticos são mais abundantes e variados. Os utensílios abandonados e os traços que conservam revelam a prática de atividades diversificadas. As estruturas apresentam também uma maior diversificação e variabilidade. No sítio da Cardina, por exemplo, foram identificadas duas grandes acumulações pétreas (ca. de 5 m de diâmetro) de morfologia circular que podem testemunhar a existência de fundos de cabanas durante o Gravettense (Aubry, Chauvière e Sampaio, 2009, 325-326; Aubry *et al.*, 2015). Qualquer que seja a interpretação destas estruturas, a sua construção implica um forte investimento que não é compatível com um contexto ocupacional de curta duração.

Em resumo, os dados disponíveis apontam para a exploração genericamente coeva de dois tipos de sítio. Uns localizam-se nos planaltos e corresponderão a ocupações especificamente direcionadas para o abate de animais e tratamento das carcaças. Seriam utilizados por um grupo pouco numeroso de pessoas, eventualmente durante os

meses após o degelo e antes da chegada das neves anuais. O segundo tipo de sítios localizava-se no fundo dos vales, denunciando a sua organização espacial e diversidade de vestígios uma ocupação por um grupo mais numeroso, que se dedicaria a diversas tarefas. A ocupação invernal destes sítios não seria impedida pela indisponibilidade de água (e logo, dos recursos cinegéticos), uma vez que sendo o fundo de vale mais quente, o Côa não chegaria, muito provavelmente, a congelar integralmente durante esses meses.

A ocorrência coeva destes dois tipos de sítio é compatível com uma estratégia logística de exploração do território (*sensu* Binford, 1980). Isto é, os sítios do planalto seriam ocupados por destacamentos especializados na caça que ali se dirigiriam a partir dos acampamentos de base localizados no fundo do vale. Mas a marcada sazonalidade das ocupações do planalto poderá também levar-nos a considerar que ele seria visitado pelas unidades demográficas que Binford denominou “grupo 1”, sendo os de fundo de vale utilizados pelas que denominou “grupo 2”. Os primeiros resultariam assim dos períodos anuais de fissão da comunidade que explorava este território (que neste caso, se daria durante a primavera e o verão) e os segundos, dos momentos de agregação desta mesma comunidade (que ocorreriam essencialmente no inverno).

Do ponto de vista da seleção das matérias-primas líticas, as indústrias exumadas em ambos os tipos de sítios revelam várias escalas de mobilidades. Mais de 90 % das matérias-primas utilizadas, quer nos sítios do fundo do vale, quer nos do planalto granítico, correspondem essencialmente a quartzo, quartzito e cristal de rocha, podendo estas matérias-primas ser encontradas a menos de 5 km dos sítios onde foram exumadas (Aubry *et al.*, 2012).

Mas as prospecções revelaram também, a exploração de fontes localizadas de rochas siliciosas de grão fino situadas a maiores distâncias, designadamente na área montante do Côa (Marofa, Almeida) e nas bacias do Douro e do Sabor. Embora mais distantes, os dados arqueológicos e etnográficos disponíveis parecem apontar para a sua exploração no contexto da exploração anual do mesmo território onde se integrariam as estações do Baixo Côa. De facto, a área definida por estas fontes (c. de 50 km de raio) é semelhante à definida pelas fontes de sílex não locais de elevada qualidade identificado nas jazidas da

Bacia Lusitaniana (Aubry *et al.*, 2016b). A confirmar-se a existência de um modelo de exploração do território de tipo logístico, podemos assim defender que a exploração destas matérias-primas fosse das responsabilidade de “grupos 1” que, originados pela fissão do “grupo 2” estacionado no Côa, se deslocariam para aquelas paragens durante os momentos mais espartilhados do ano.

A existência de um “grupo 2” durante parte do ano (inverno?) no Vale do Côa formado por diversos “grupos 1” que exploravam quer a região mais imediata quer territórios mais afastados, como a Marofa ou o Vale do Sabor, parece assim atestada. Mas a existência periódica de um “grupo 3”, isto é, de uma unidade demográfica de maiores dimensões e composta por indivíduos ou pela totalidade de “grupos 2” que exploram territórios localizados a longas distâncias parece também confirmada na região, tal como procuraremos demonstrar nas páginas seguintes.

2. Evidências da mobilidade a longa distância no Vale do Côa

De facto, para além das matérias-primas de âmbito local e regional verifica-se, nos sítios escavados do Côa, a presença sistemática, mesmo que em pequena quantidade, de distintas variedades de sílex e silcrete, provenientes de duas grandes regiões, geograficamente opostas, distantes de mais de 150 quilómetros relativamente ao Côa e 300 km entre si (Mangado Llach, 2002, Aubry, Mangado e Sampaio, 2009; Aubry *et al.*, 2012; 2016b) (Fig. 2).

Por um lado, identifica-se matérias-primas com origem em contextos sedimentares marinhos do Bajociano, Oxfordiano e Cenomaniano, no contexto da Bacia Lusitaniana, localizada na região da Estremadura portuguesa, a sudoeste da região em análise. A estes materiais associam-se silcretes do Miocénico e do Paleogénico, provenientes da Meseta.

Em teoria, este conjunto de materiais líticos identificados nas jazidas do Vale do Côa poderiam ser o resultado de uma acumulação por grupos distintos, não relacionados, provenientes destas duas áreas, no contexto da exploração periódica dos recursos bióticos da região. Estes, na ausência de sedimentação seriam integrados no mesmo conjunto sedimentar.

Tal hipótese, no entanto, deve ser colocada de parte. Em primeiro lugar, se a sazonalidade determina a existência/ausência dos recursos

bióticos numa determinada região, será de prever que ela funcione da mesma forma para grupos humanos distintos, isto é, os momentos de abundância de recursos no Côa serão os mesmos, quer para os grupos da Estremadura quer para os da Meseta, uma vez que ambos dependem de recursos idênticos. Por outro lado, os dados arqueológicos refutam a proposta de uma ocupação sucessiva por grupos distintos, devido à ocupação sucessiva dos mesmos sítios de caça, no contexto dos quais o estudo das remontagens de blocos utilizados em fossas de combustão e da utensilagem lítica, demonstra que as diferentes fontes de matéria-prima apresentam todas uma mesma distribuição espacial, compatível com a sua utilização e abandono durante as mesmas ocupações de curta duração (Aubry, Chauvière e Sampaio, 2009, 322-324).

Neste contexto, levantam-se várias hipóteses teóricas para a explicação da presença destas matérias-primas no registo arqueológico do Côa (Fig. 3). Poderíamos, por exemplo, supor que estamos perante um mesmo grupo que exploraria um território que ia da Meseta à Estremadura, podendo o material do Côa ser interpretado como o resultado da mobilidade residencial ou logística (*sensu* Binford, 1980), no contexto da exploração sazonal de um mesmo bando. Mas o registo etnográfico invalida estas hipóteses, uma vez que, com a exceção dos territórios dos caçadores-recolectores equestres e marinhos (Ellis, 2011), só os dos caçadores subárticos da ilha de Baffin (Kelly, 2013 [1995], 80-84, tab. 4-1) se aproximam de um território anual com a dimensão do definido pelas matérias-primas presentes no Vale do Côa, durante o Paleolítico Superior, e que se estenderia por mais de 27.000 km² na sua máxima extensão. Pelo contrário, os territórios anuais do registo etnográfico são compatíveis com os territórios definidos pelas matérias-primas locais e regionais no Vale do Côa e siliciosas na Bacia Lusitaniana, tal como referimos atrás.

Ainda no contexto de um só território, poder-se-ia colocar a hipótese de estarmos perante o resultado de expedições a partir do Vale do Côa, com o propósito da obtenção de matérias-primas, como reconhecido etnograficamente (Gould e Saggers, 1985). Se a evidência de ocupação permanente na Bacia Lusitaniana afasta esta hipótese, já a ausência de vestígios de ocupação na Meseta Norte, até há poucos anos considerada vazia de ocupação humana no final do Pleistoceno, poderia indiciar a validade desta proposta. Contudo,

consideramos que esta ausência é fruto do desconhecimento do respetivo registo arqueológico. A existência deste tipo de expedições é, contudo, compatível com a existência de territórios distintos, uma vez que a territorialidade dos caçadores-recolectores não impede o acesso direto a recursos existentes em territórios vizinhos (Renfrew, 1975), no contexto de um sistema de propriedade comum (Lee e Daly, 1999) e da existência de laços de parentesco entre bandos distintos.

Uma vez mais, as distâncias entre 150 e 250 km necessárias para empreender tais expedições, só se aproximam das distâncias percorridas em contextos subárticos, com o auxílio de tração canina ou locomoção através da água (Ellis, 2011), algo que não se perspetiva para o contexto ambiental pleistocénico do Vale do Côa. O único tipo de expedições periódicas desta dimensão de que encontramos registo identifica-se no Deserto Ocidental australiano, no contexto de expedições masculinas para a exploração de matérias-primas e cumprimento de prescrições rituais (Gould e Saggers, 1985).

Estes casos são exceções, ambos relacionados com condições climáticas extremas. Pelo menos o primeiro explica-se pela elevada dependência da caça, designadamente de recursos caracterizados por grande mobilidade, sazonalidade e imprevisibilidade.

A outra causa para elevadas mobilidades, nomeadamente ao nível da exploração dos recursos líticos, encontra-se testemunhada arqueologicamente em casos de colonização, isto é, de processos de ocupação de novos territórios associados a um baixo nível de conhecimento dos recursos disponíveis e elevada dependência dos grupos de origem. Exemplos arqueológicos deste facto encontram-se na ocupação Clovis da América do Norte (Ellis, 2011) e no Mesolítico finlandês (Hertell e Tallavaara, 2011). Tal contexto apenas poderia ser admitido para o início da ocupação do Vale do Côa pelo Homem Anatomicamente Moderno, e não para toda a ocupação registada durante o Paleolítico Superior, onde, com ligeiras variações, as mesmas fontes distantes são continuamente exploradas³.

Dada a implausibilidade da distribuição das diferentes matérias-

---

³ A identificação, recente e ainda em fase de estudo, de uma matéria-prima em níveis da Cardina, que podem ser atribuídos ao Aurignacense, com provável proveniência além-Pirenéus, poderá enquadrar-se num contexto de colonização da região pelo Homem Anatomicamente Moderno.

primas siliciosas de grão fino do Vale do Côa poderem definir um mesmo território de exploração, coloca-se a hipótese de elas refletirem a existência de diferentes territórios. Contribui para essa suposição o facto do Vale do Côa se localizar junto ao limite ocidental da maior unidade geomorfológica da Península Ibérica, junto às Montanhas Ocidentais e Planalto Beirão (Ferreira, 1978), num vale fortemente encaixado.⁴ Esta fronteira natural surge aliás evidenciada em modelos realizados com base em dados ambientais à escala mundial (Binford, 2001).

Entre as sociedades igualitárias de caçadores-recolectores, a inexistência de propriedade privada e afirmação das redes de parentesco pressupõem a troca generalizada e recíproca de bens (Sahlins, 1972). Assim, poder-se-á perspetivar a presença do sílex da Estremadura e da Meseta no Vale do Côa no contexto da reciprocidade entre bandos, seja através da visita de uns pelos outros, seja pelo seu encontro em áreas fronteiriças (Renfrew, 1975). A visita frequente é um dos traços fundamentais das sociedades de caçadores-recolectores, servindo para a manutenção e afirmação de laços interpessoais (Lee e Daly, 1999), e o encontro em zonas fronteiriças para troca de bens e mesmo de indivíduos encontra-se atestado desde o ártico até ao Indico, passando pelo Kalahari (Mauss e Beuchat, 1905; Lee, 1972; Kelly, 2005).

Finalmente, partindo do princípio que todo este território, entre a Meseta Norte e a Estremadura Portuguesa, se encontrava homogeneamente ocupado, e que o vazio de povoamento na maioria desta área mais não reflete do que a parcialidade do registo arqueológico e o nosso desconhecimento sobre as realidades passadas, os materiais identificados poderão ter tido origem num sistema de trocas sequencial (*down-the-line*) (Renfrew, 1975), desde o ponto de origem da matéria-prima até ao ponto de abandono. Trata-se de um sistema de trocas à distância com fortes tradições entre os caçadores-recolectores, nomeadamente entre os San, onde o sistema conhecido como “*hxaro*” estabelece relações a longa distância entre dois indivíduos, ao longo do tempo, através de um vasto conjunto de intermediários (Wiessner, 1982). Para além da dificuldade de considerar este sistema a partir do registo arqueológico atualmente conhecido, ele parece ter como função

---

⁴ A título de exemplo, o rio Côa definiu a fronteira do reino de Portugal até ao Tratado de Alcanizes (1297).

primordial o estabelecimento e manutenção de relações entre indivíduos e não tanto o abastecimento de matérias-primas fundamentais para produção de utensílios de elevado grau de especialização.

As várias hipóteses apresentadas poderão, até um determinado grau, ser compatíveis entre si. Idealmente, o aprovisionamento de matérias-primas estará sempre integrado na exploração anual de um território, que é compatível com determinadas expedições destinadas à obtenção de determinadas matérias-primas e com a troca.

Os territórios definidos pelas matérias-primas de longa distância identificadas no Vale do Côa apresentam, como já vimos, uma dimensão incompatível com o território de um grupo residencial. Mas as sociedades de caçadores-recolectores, tal como todas as sociedades humanas, organizam-se em grupos de vários níveis de complexidade e abrangência (Sikora *et al.*, 2017). Para além do grupo residencial (o que Binford definiu como “grupo 1”), as sociedades de caçadores-recolectores organizam-se, *grosso modo* em múltiplos grupos cada vez mais abrangentes (meta-grupos), como o bando máximo endogâmico (Wobst, 1974) ou a unidade étnica (*sensu* Binford, 2001, 228).

Estes grupos funcionam, em primeiro lugar, como redes de casamento e de solidariedade intergrupar. Baixas densidades populacionais, como as definidas para todo o Paleolítico Superior, particularmente para o interior da Península, exigem redes de longa distância, necessárias para a sobrevivência biológica (Wobst, 1974).

Estabelecem-se assim laços à distância, baseados na partilha e na reciprocidade generalizada, uma das regras fundamentais no modo de vida dos caçadores-recolectores (Ingold, 1988; Lee e Daly, 1999). Devido à flutuação de recursos, o grupo endogâmico funciona igualmente como uma rede de segurança em tempos de escassez (Whallon, 2006), podendo igualmente nivelar recursos, que estão desigualmente distribuídos pelo território. As matérias-primas líticas pertencem a esta categoria, especialmente as mais procuradas para a produção de utensilagem especializada, como as siliciosas de grão fino.

A troca regulada de parceiros e recursos entre os caçadores-recolectores, assim como as regras de coresidência são hoje consideradas a chave da variabilidade genética das comunidades

residenciais e da complexidade da estrutura social humana, através da promoção de coligações e alianças (Hill *et al.*, 2011; Walker *et al.*, 2011).

O maior problema destas redes de grandes dimensões reside na sua manutenção, sobretudo em sociedades sem meios de comunicação à distância, onde a fluidez da composição dos grupos é a regra, e onde o contacto interpessoal frequente é fundamental. Por exemplo, a percentagem de casamentos diminui com a distância (Hertell e Tallavaara, 2011). A sua manutenção tem assim de ser promovida e exercida. As regras de casamento são uma das formas de institucionalizar estas redes e, consequentemente, de garantir o acesso recíproco a diferentes territórios e a manutenção de dada ordem social, como exemplificado pelos sistemas de secções e subsecções australianos (Berndt e Berndt, 1992, 46-106). Este fenómeno atinge o seu paroxismo na Austrália, onde os territórios efetivamente explorados por um bando não coincidem necessariamente com os definidos pelos sítios de pertença dos elementos que o compõem, tendo levado os antropólogos australianos a distinguir os primeiros (que designam como *range*) dos segundos (que designam como *estate*) (Kelly, 2013 [1995], 8-9, 152-156).

A visita frequente é a forma episódica de exercer o direito de acesso e cultivar os laços, com fortes impactos na mobilidade. Mas existem outras formas mais estruturais para a definição e manutenção dos laços a longa distância. Uma destas formas são as grandes agregações periódicas que conformam as unidades demográficas que Binford denominou “grupo 3”. Estas distinguem-se dos períodos de agregação anual (“grupo 2”), não só pela quantidade de pessoas que juntam (que atingem as centenas), mas também pelas distâncias a partir de onde estes grupos acorrem, pela predominância de atividades não relacionadas diretamente com a subsistência e pela periodicidade plurianual. Eles servem para definir e manter as redes sociais entre grupos que se encontram geralmente distantes. A fase de agregação é momento do arranjo dos casamentos, da adoção de crianças (Kelly, 2005), da caça, recolção, canto e dança coletivos, da execução dos rituais de passagem, mas também da troca de recursos distantes, num contexto de forte intensificação social e cerimonialização (Lee, 1972).

Neste contexto, a arte rupestre, localizada numa zona geomorfologicamente liminar, pode ser interpretada, não apenas como o resultado, mas também como um agente para a definição e manutenção da rede de segurança, que abrange zonas ecologicamente distintas. A arte rupestre pode ser o elemento agregador de grupos autónomos, mas interdependentes, exercendo um poder de atração contra as forças centrípetas que podem minar a estrutura social, assunto a que voltaremos no próximo ponto.

Poder-se-á apontar como problema do sistema que apresentamos — que se baseia na reciprocidade — o nosso desconhecimento do que é que foi enviado em trocas das matérias-primas aqui chegadas. A parcialidade do registo arqueológico, limita-nos o conhecimento. Contudo, no cenário acima exposto, a própria arte do Côa pode ser entendida como um retorno de elevado significado cultural à chegada de matéria-prima. Por outro lado, o que aqui nos parece relevante é a evidência de que, mesmo que não tivessem ocorrido quaisquer trocas de materiais, a sua ocorrência no Côa sugeriria sempre a vinda de pessoas ao Côa, que utilizavam esse material proveniente de duas direções opostas. Como estes grupos se encontrariam no mesmo momento (conformando um “grupo 3”) e não em sequência (um “grupo 2” de uma zona, seguido de um de outra), isto não contradiria os dados inferidos a partir do estudo das remontagens a que aludimos atrás.

Em conclusão, os padrões definidos pela proveniência do sílex e silcrete de longa distância desde a Bacia Lusitaniana e a Meseta Norte, com evidência de matérias-primas provenientes de regiões intermédias, até às jazidas do Vale do Côa permite-nos assim integrar estas matérias-primas num contexto não apenas técnico-económico, mas sobretudo social e cultural. Mais do que expressão da mobilidade física, individual, episódica, eles são a expressão de uma dada organização social. A dimensão dos territórios definidos, as distâncias percorridas, o registo arqueológico e a presença de arte rupestre numa zona que constitui uma fronteira geomorfológica entre as duas áreas de proveniência das matérias-primas definem uma rede social a longa distância e um contexto de agregação de um “grupo 3” composto por elementos de “grupos 2” provenientes de uma vasta área. Esta rede é fundamental para a

sobrevivência e perpetuação dos grupos, geralmente dispersos em áreas de baixa densidade, suprimindo a necessidade de parceiros e recursos e, inclusivamente garantindo a capacidade de acumulação e conservação cultural (Hill *et al.*, 2011)⁵.

Vamos, no capítulo seguinte, apresentar as evidências da arte rupestre que apontam para a existência periódica de um “grupo 3” de caçadores-recolectores na região.

3. O Vale do Côa como lugar de agregação. Os contributos da arte rupestre

As análises de correspondências múltiplas e a classificação hierárquica ascendente, levadas a cabo sobre os cinco temas mais comuns da arte paleolítica do território, por onde se distribuem as fontes de matéria-prima que acabámos de analisar, revelaram a existência de pelo menos quatro classes de cavalos e auroques e de três classes de cabras-monteses, veados e cervas (Santos, 2017, 136-164). O estudo da estratigrafia parietal de painéis com mais de uma classe e do contexto sedimentar de vários sítios do Vale do Côa permitiu-nos inferir que aquelas classes resultam de, pelo menos, quatro fases de produção artística ocorridas entre o Gravettense e o Azilense (Santos, 2017, 129-255).

Para o âmbito deste trabalho debruçar-nos-emos apenas sobre a arte rupestre da fase 1. Trata-se, como ocorre na generalidade do Paleolítico, de uma arte dominada por grandes herbívoros. Estes

---

⁵ É interessante notar que os dados do Paleolítico Médio do Vale do Côa contrastam com o que temos vindo a referir, não tendo as escavações dos níveis correspondentes revelado qualquer exemplar de matéria-prima siliciosa exótica. Apesar da reduzida área escavada (6 m²), toda a utensilagem, ao longo dos, pelo menos, 50.000 anos de ocupação neandertal, foi produzida a partir de matérias-primas filonianas locais (Aubry *et al.*, 2016a). Mesmo as matérias-primas siliciosas regionais, que se encontram a distâncias de cerca de 50 km, estão ausentes. Este contraste encontra um paralelo nos resultados das análises genómicas realizadas em indivíduos neandertais e do Gravettense da Rússia. De facto, a análise dos genomas dos enterramentos de Sungir, de há cerca de 34.000 anos, permitiram identificar uma organização social semelhante às dos caçadores-recolectores conhecidos historicamente, com baixos níveis de consanguinidade dentro dos grupos residenciais (Sikora *et al.*, 2017), exigindo a definição de redes de casamento mais vasta, enquanto que a dos genomas de alguns neandertais das montanhas de Altai, revelaram elevados níveis de consanguinidade (Prüfer *et al.*, 2014), que parecem resultar de baixos índices populacionais e de uma rede restrita de relações.

caraterizam-se pela sua representação em perfil absoluto, pelos ventres proeminentes e bordos cérvico-dorsais pronunciados, pela representação de uma pata por par, sem cascos. Os cornos e hastes apresentam-se em perfil absoluto ou biangular oblíquo. Os olhos, quando existem, são redondos ou meros pontos. Ao nível de detalhes na cabeça, podem ocorrer ainda bocas ou narinas lineares, assim como delimitações do focinho no caso dos auroques. As técnicas mais usuais são a picotagem e a abrasão. As sobreposições são muito abundantes, assim como a animação por decomposição do movimento (Luís, 2012). Pontualmente, os volumes e acidentes naturais das rochas são utilizados na definição dos animais.

A atribuição cultural desta fase a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio assenta em evidências arqueológicas, geoarqueológicas e estilísticas (Santos, 2018, 251). As evidências arqueológicas referem-se aos resultados da escavação no sítio do Fariseu, durante a qual foi revelada uma rocha cujo estudo da estratigrafia sedimentar que a cobria, a par da análise da sua própria estratigrafia parietal, demonstraram que a rocha foi gravada anteriormente a uma fase erosiva ocorrida entre o Solutrense e o Magdalenense antigo (Aubry *et al.*, 2014). Outra importante evidência foi o achado de picos em quartzito na camada 3 do sítio de Olga Grande 4, datada de cerca de 30.000 cal BP (Aubry, 2001, 262), cuja análise traceológica e a comparação dos impactos produzidos por réplica experimental com os isolados da rocha 1 de Canada do Inferno, revelaram poder ter sido utilizados para gravar traços do tipo dos que conformam as gravuras que atribuímos a esta fase (Plisson, 2009).

Relativamente às evidências geoarqueológicas, estas referem-se ao facto de numa série importante de rochas e sítios do Vale do Côa localizadas junto ao rio (e. g. Canada do Inferno, Penascosa, rocha 1 de Vale de Figueira) se observar uma diferença de altitude entre rochas com motivos atribuíveis à fase 1 e outras com dispositivos parietais mais recentes, diferença essa que atribuímos a uma fase erosiva entre ambas as fases e que poderia corresponder à mesma identificada no Fariseu e em outros sítios do Vale do Côa em momentos genericamente coevos (Aubry *et al.*, 2010; Santos, 2017, 179-185).

A comparação estilística entre as figuras da região atribuídas a esta fase e outras da Península Ibérica e de França revelou igualmente que

as maiores similitudes se dão sistematicamente com figuras datadas ou atribuídas a um período entre o Aurignacense e o Solutrense médio, com particular ênfase para o Gravettense e, em menor medida, o Solutrense médio (Santos, 2017, 199-212).

No Vale do Côa identificamos 10 sítios com motivos desta fase, aos quais se devem juntar outros nove, que se distribuem pela área ocidental de aprovisionamento das matérias-primas identificadas no Vale do Côa (Fig. 2). Ora, as diferenças ao nível formal e dos conteúdos que se podem estabelecer entre alguns sítios do Vale do Côa e os restantes sugerem, tal como ocorreu com a análise da proveniência das matérias-primas alóctones, que no Vale do Côa ocorreram agregação periódicas de populações provenientes de diversos territórios.

A primeira diferença a valorizar prende-se com a diversidade ao nível de cada um destes sítios, tal como proposto por outros autores que procuraram identificar os locais de agregação de uma dada região. Assim, de acordo com M. Conkey, que comparou as unidades não figurativas (que designou *design elements*) presentes na arte móvel sobre osso e haste encontrada em 11 sítios do Magdalenense cantábrico, seria expectável que: 1) se identificasse mais diversidade de peças num sítio de agregação que nos restantes sítios da região; 2) a maior parte dos *design elements* reconhecidos se encontrasse distribuída por toda a região; 3) que ocorressem *design elements* exclusivamente nos sítios de agregação; 4) que não ocorressem *design elements* noutros locais que não aparecessem simultaneamente no sítio de agregação (Conkey, 1980, 616). McDonald e Veth, adaptaram estes critérios à realidade da arte rupestre do Deserto Ocidental Australiano, considerando expectável que num sítio de agregação: 1) o repertório aí presente haveria de refletir o vocabulário gráfico disperso pela região; 2) a diversidade ao nível dos estilos e dos temas seria maior nos sítios de agregação que nos restantes; 3) alguns motivos, frequentemente de grande impacto visual, apenas ocorreriam nos sítios de agregação; 4) não ocorreriam motivos em outros sítios que não ocorressem simultaneamente nos lugares de agregação (McDonald e Veth, 2012, 97).

Como referiram McDonald e Veth, no caso de uma paisagem caracterizada pela presença de arte rupestre ao ar livre, é difícil definir um sítio (e muito mais uma rocha) como um local de agregação.

De facto, a ausência de grutas com dimensões suficientes para acomodarem muita gente, a par de constrangimentos sociais (como relações de aliança e aversão entre diferentes categorias de pessoas), conduz à necessidade da identificação dos lugares de agregação à escala da paisagem (McDonald e Veth, 2012, 99). À dificuldade referida por estes autores acresce ainda a própria dificuldade em definir um sítio, algo que muitas vezes é feito segundo critérios algo arbitrários (Santos, 2017, 94-95), assunto a que voltaremos adiante.

Tendo estes aspetos em conta, vejamos o que distingue a arte da fase mais antiga do Vale do Côa da arte coeva dos sítios que se distribuem pela área onde se localizam as fontes da matéria-prima identificada no Côa.

Atribuímos à fase mais antiga 457 figuras animais do Vale do Côa, distribuídos por 10 sítios (Fig. 1). Este conjunto é dominado pelo auroque (28%), a que se seguem a cabra-montês (20,6%), o cavalo (19,7%), o veado (8,1%), a cerva (3,3%) e a camurça (1,8%). Identificaram-se ainda um peixe, um urso, uma ave de rapina e um felino. 17,5% das figuras são, no entanto, indeterminadas.

Em contraste com esta realidade, fora do Côa apenas conhecemos sítios onde o auroque é o único tema figurado — Ribeira da Sardinha (Baptista, 2009, 196-1997) e Sampaio no Vale do Sabor (Baptista, 2009, 196-197, 200-203), Siega Verde (Alcolea e Balbín, 2006)⁶ e Redor do Porco (Baptista e Reis, 2011) no Vale do Águeda — e sítios dominados pelo cavalo, que aparece ora isolado — Ocreza (Baptista, 2009, 209-211), junto da confluência deste rio com o Tejo — ora, acompanhado de cervídeos — Mazouco (Jorge *et al.*, 1981; Santos, 2017, 361-362) no vale do Douro, Pousadouro (Baptista, 2009, 204-207; Santos, 2017, 357-359) no Vale do Sabor e La Salud (Gárate *et al.* 2016)⁷ no Vale do Tormes. Refira-se, finalmente, o caso de Foz Tua, onde se encontra um painel com um vareto e um animal com uma cabeça de veado e outra

---

⁶ Como se refere num outro sítio, consideramos que apenas podemos atribuir à fase mais antiga da arte paleolítica da região um conjunto de quatro auroques de Siega Verde (Santos, 2017, 340-341).

⁷ Os autores que deram a conhecer a estação consideram que a cerviceo-dorsal que interpretamos como de cerva, poderia pertencer a uma cabra-montês. As razões porque nos inclinamos para a primeira hipótese encontram-se em Santos, 2017, 364-365.

de cavalo, sendo que esta corresponde já a uma modificação de uma figura mais antiga, identificada como de auroque (Teixeira e Sanches, 2017). Ou seja, o dispositivo parietal deste sítio resulta da manifestação temporal de uma oposição que se observa nos sítios fora do Côa a nível espacial: a oposição do par cavalo/cervídeo relativamente ao auroque⁸.

A leitura dos dois parágrafos precedentes já permite perceber que o Vale do Côa, enquanto unidade de análise, obedece a todos os critérios que, segundo Conkey (1980) e McDonald e Veth (2012) o permitiriam considerar como um sítio de agregação. Se aprofundarmos a análise no Vale do Côa verificamos que o conjunto Penascosa/Quinta da Barca (Santos, 2017, 263-289) é o único sector do vale que cumpre, *per se*, todos os critérios, sendo aí que encontramos em exclusivo o peixe, o urso e a ave.

A especificidade do Vale do Côa observa-se igualmente ao nível da organização espacial da sua arte rupestre. De forma a caracterizar objetivamente essa organização do duplo ponto de vista formal e semântico procedeu-se à realização de diversas análises multivariantes. Uma tomaram como variáveis as características formais das unidades espaciais analisadas e outras a frequência dos temas nelas presentes. As unidades espaciais a que nos referimos não são os sítios. De facto, como referimos acima, estes são criações arbitrárias definidas por critérios que dificilmente poderemos demonstrar ter tido alguma validade no Paleolítico. Definimos, assim, uma unidade que denominámos zona, e que corresponde a um conjunto de rochas historiadas ligadas entre si pela curta distância e por características organizacionais e topográficas próprias (Santos, 2017, 95).

Para a caracterização formal das zonas, procedeu-se a uma análise de componentes principais da totalidade das que se identificaram quer no Côa, quer fora dele, a que se seguiu a respetiva classificação hierárquica ascendente (Santos, 2017, 373-374). Como variáveis foram tidas em conta a dispersão da informação (dada pelo número de conjuntos parietais de uma zona), a sua quantidade (dada pelo número

---

⁸ Refira-se que mesmo os sítios do Zêzere (Baptista, 2009, 216-223) e da Fraga Escrevida (Baptista, 2009, 200-203; Santos, 2017, 359), de que não falamos por os considerarmos mais recentes, não contrariam o padrão, encontrando-se apenas cavalos e cervas nos sítios do Zêzere e auroques no da Fraga Escrevida.

médio de motivos por conjunto parietal) e a sua diversidade ao nível das unidades figurativas (dada pelo número de temas identificados) e não figurativas (dada pelo número de chaves). Estas análises revelaram a existência de três classes de zonas. Uma delas, representada por todos os sítios fora do Côa e por 12 das zona do Côa caracteriza-se pela pequena dimensão, pela pouca quantidade e diversidade de informação. A segunda classe, conformada por sete zonas do Côa distingue-se pela dispersão da informação e pela variedade de temas e chaves. Finalmente, a ultima classe, apenas composta por duas zonas do Côa caracteriza-se pela concentração espacial de uma grande quantidade de informação e pela variedade da mesma.

Mais uma vez verificamos que apenas no Vale do Côa se encontram todas as classes de zonas. Mesmo no seu interior, esta variedade só se encontra nos conjuntos Penascosa/ Quinta da Barca e Piscos/ Fariseu/ Vale de Figueira.

Para a caracterização semântica, procedeu-se a uma análise de correspondências simples sobre o mesmo universo, tendo-se utilizado como variáveis os temas mais comuns identificados no repertório (todos eles, com exceção do cavalo, separados por sexo, tendo os temas com menos de oito unidades sido analisados como categorias suplementares), a que se seguiu a respetiva classificação hierárquica ascendente (Santos, 2017, 374). Esta revelou a existência de cinco classes de zonas: a primeira caracterizada pelo predomínio do auroque fêmea, a segunda pela importância acrescida do veado (mesmo que não dominante), a terceira pelo predomínio do cavalo, a quarta pela importância da cerva e a quinta pela da cabra-montês macho e pela presença equilibrada de cavalos e auroques fêmeas.

Mais uma vez, apenas no Côa existem todas as cinco classes de zonas, sendo daí exclusivas as da classe caracterizada pela presença equilibrada de cabras-monteses, auroques fêmeas e cavalos.

Cada zona pode assim ser caracterizada formal e semanticamente (Santos, 2017, 375-376). Apenas no conjunto das zonas de pequena dimensão e com pouca informação (as únicas que encontramos fora do Côa) encontramos todas as classes identificadas na análise de correspondências simples dos seus conteúdos. Nas zonas com informação dispersa e com alguma variedade ao nível do conteúdo, a maior parte delas caracteriza-se pela presença equilibrada de cavalos,

auroques e cabras-monteses, embora se tenham identificado zonas dominadas pelo auroque fêmea e pelo cavalo. As duas únicas zonas caracterizadas pela concentração de informação e pela sua escassa variabilidade são ambas dominadas pelo trio cabra-montês/ cavalo/ auroque fêmea.

Esta caracterização das zonas a partir do duplo ponto de vista formal e semântico volta a confirmar a maior diversidade da arte dos sítios do Côa, relativamente aos restantes sítios coevos, quer do ponto de vista da forma, quer dos conteúdos. Por outro lado, ela vai permitir, no caso do Vale do Côa, o estudo da relação entre os diversos zonas. De facto, no vale reconhecem-se três grandes concentrações de zonas, unidas entre si por relações de contiguidade espacial (Santos, 2017, 376) (Fig. 1): o sector do vale definido pelos sítios da Penascosa e da Quinta da Barca; o sector do vale em torno do monte do Fariseu, composto por dois *loci* da ribeira de Piscos, pelo sítio do Fariseu e ainda pelo de Vale de Figueira; um sector terminal composto pelos sítios de Vale de Videiro, Canada do Inferno e Rego de Vide.

Nestas três grandes concentrações, as zonas relacionam-se entre si mediante relações de proximidade. Esta proximidade é hoje, porque dispomos de cartografia, visível a partir de uma perspetiva externa. Mas no campo, aquela relação só é possível de se perceber mediante o movimento entre as zonas e entre os conjuntos que conformam cada uma delas. O movimento entre os elementos de um dispositivo gráfico de um sítio é algo de extrema importância para a compreensão do mesmo, definindo D. Vialou este movimento como a 4.^a dimensão da arquitetura parietal (Vialou, 2004, 13). Esse movimento entre as construções simbólicas do interior de uma gruta é, como aquele autor refere, constrangido pela própria arquitetura natural da cavidade, sendo o dispositivo construído em função desses constrangimentos. Segundo o mesmo autor, o movimento num abrigo dá-se ao longo de um eixo linear, de forma paralela à parede por onde se distribui o dispositivo. Frente a estes tipos de sítio no interior dos quais o movimento (e consequentemente a leitura do que neles está inscrito) é altamente condicionado, o autor contrapunha os conjuntos ao ar livre caracterizados pelo “*éclatement multidirectionnel de l’espace symbolique*” (Vialou, 1995, 765). No entanto, o autor também considerava que, por comparação com a generalidade das grandes

concentrações rupestres do mundo, os conjuntos paleolíticos do Vale do Douro (os que se conheciam em 1995) evidenciavam uma maior organização espacial, parecendo organizar-se em função das orientações naturais dos eixos fluviais (idem, 765).

Ora, os trabalhos que se têm desenvolvido no Côa nos últimos anos vieram a demonstrar efetivamente uma grande organização espacial do seu dispositivo gráfico, pelo menos durante a fase mais antiga de produção artística paleolítica da região. De facto, à falta de constrangimentos físicos que impusessem uma direcionalidade ao caminho entre os elementos do dispositivo gráfico dos sítios, os gravadores parecem ter recorrido a um expediente gráfico para alcançarem o mesmo objetivo. Este expediente foi a lateralização dos animais gravados: se num painel a maior parte dos animais se orienta para a esquerda, tal é uma indicação de que é nessa direção que devemos seguir, devendo a opção contrária ser escolhida se a maior parte se orientar para a direita. Tal hipótese tem-se revelado credível quer porque se tem vindo a revelar no terreno, quer porque tem validade estatística (Santos, 2012; 2017).

Ao aplicarmos o pressuposto da lateralização aos conjuntos parietais estudados, verificaremos que em cada uma das três concentrações de zonas referidas, vamos encontrar três formas básicas de organização espacial dos temas: 1) uma oposição entre zona dominada por cavalo e zona dominada por veado mediada por zonas de equilíbrio entre cabras-monteses, auroques fêmeas e cavalos (Penascosa/Quinta da Barca); 2) uma oposição entre zona dominada por cavalo e zona dominada por auroque fêmea mediada por zonas de equilíbrio entre cabras-monteses, auroques fêmeas e cavalos (Piscos/Fariseu/Vale de Figueira); 3) uma oposição entre zona dominada por veado, zona dominada por auroque fêmea e zona dominada por cavalo, todas mediadas por zonas de equilíbrio entre cabras-monteses, auroques fêmeas e cavalos (Vale de Videiro/ Canada do Inferno/ Rego da Vide).

A relação de aversão entre cavalos, por um lado, e auroques fêmeas ou veados, por outro, encontra-se atestada também pelas análises multivariantes das composições presentes nas rochas historiadas da região estudada (Santos, 2017, 378-379), mas já não é evidente a que opõe auroque fêmea a veado. Aliás, os animais que

tendencialmente mais se associam a auroque fêmea são o veado e a cabra-montês fêmea. A cerva parece associar-se preferencialmente a cabra-montês macho e o cavalo a auroque macho. Parecem assim definir-se pares de sexo e espécies diferentes. Apenas com o cavalo não foi possível precisar distinções ao nível do sexo, uma vez que o dimorfismo sexual nestes animais é reduzido.

A forma como se organizam as zonas no Vale do Côa refletem na paisagem distinções claras entre categorias de animais, mas também a possibilidade de algumas se agregarem, designadamente as que fora do Côa se encontram sempre separadas: o cavalo e o auroque ou o veado e o auroque. Nesta agregação parecem ser de extrema importância outros animais, designadamente a cabra-montês, que não aparecendo fora do Côa, é o segundo animal mais representado no vale.

Esta forma de organizar a paisagem, a par de outras evidências, parecem sugerir que a arte do Gravettense e dos inícios do Solutrense nesta região da Península foi produzida no contexto de uma ontologia totémica (*sensu* Descola, 2005; Santos, 2017, 404-411). O Vale do Côa, e mais precisamente os três grandes complexos a que nos referimos podem corresponder a sítios de agregação de pessoas com diversas “filiações totémicas”, podendo os sítios fora do Côa ser acessíveis apenas a pessoas com “filiações totémicas” específicas, refletindo assim este amplo território do Ocidente peninsular uma geografia social semelhante à que se observa, por exemplo, no Centro da Austrália (David, 2002, 52-65).

A arte rupestre, designadamente através da sua organização e distribuição por um amplo território, pode assim ter contribuído para a manutenção da superestrutura ideológica que legitimaria uma putativa rede de reciprocidades e de casamentos entre as diversas comunidades. Os sítios fora do Côa teriam sido construídos no contexto dos reforços de ligação de determinadas filiações sociais aos seus *estates*, possibilitando assim a exploração das suas áreas imediatas por parte de comunidades que poderiam igualmente explorar as de outros *estates*, no âmbito do que seriam os seus territórios de exploração (*ranges*). Já as características da arte do Côa podem denunciar a presença de várias filiações na região, evocando até os pares de animais espécies diferentes/sexos diferentes a existência das regras de casamento próprias destas comunidades. No caso da

Austrália, são nestes sítios abertos a diversas filiações totémicas que se dão os grandes momentos de agregação (que conformam os “grupos 3” de Binford) que podem chegar às 400 pessoas pertencentes a comunidades separadas entre si por mais de 500 km, chegando inclusivamente a falar línguas diferentes (Kimber e Smith, 1987). Os resultados do estudo da arte parecem assim confirmar e complementar as inferências a que chegámos no capítulo anterior.

4. Balanço

As diversas abordagens a que procedemos neste artigo, no âmbito das quais se utilizaram diversos tipos de vestígios (estruturas, espólio lítico e arte rupestre) como fontes arqueológicas, concorrem para a proposição de um modelo socioeconómico que tem em conta a organização social das populações da região durante o Gravettense, a gestão do seu território, assim como algumas inferências relativamente à mobilidade intra e interregional das comunidades que de forma permanente ou ocasionalmente se encontravam na região.

Desde logo, a densidade de sítios na região atesta a sua ocupação no âmbito do território anual de exploração de um grupo. A diversidade funcional dos sítios, tal como inferida a partir do estudo das suas estruturas e espólio lítico, sugere a exploração logística da região, no contexto da qual se encontram acampamentos centrais no fundo do vale (e.g. Cardina), a par de outras ocupações mais especializadas, designadamente no abate e tratamento das carcaças, como poderão ser interpretados os sítios do planalto (e.g. Olga Grande 4 e Olga Grande 14).

Estes dois últimos sítios terão sido ocupados por um grupo bastante menos numeroso que o que ocupou, por exemplo a Cardina. Podem ter sido ocupados por destacamentos de pessoas que partiriam da Cardina para, propositadamente aí se dedicarem às tarefas referidas acima. Contudo, a sazonalidade daquelas ocupações (apenas durante os meses estivais), tal como parecem apontar as análises sedimentológicas, permitem-nos levantar a hipótese de terem sido ocupados por um grupo de pessoas resultante do fracionamento de um grupo maior apenas conformado durante a fase mais agregada do ano em acampamentos como o da Cardina. Ou seja, os primeiros resultariam da ocupação de “grupos 1” (*sensu*

Binford, 2001) e a Cardina, da ocupação de um “grupo 2”.

A maior parte da matéria-prima lítica encontrada naqueles sítios reflete a exploração de um território em torno dos 5 km a partir dos sítios. Ainda assim, identificou-se uma quantidade significativa de matéria-prima proveniente do interior de uma área que, tomando como centro o Vale do Côa, apresenta um diâmetro de 50 km. Esta área é compatível com a dimensão de um território de exploração anual de caçadores-recolectores, sendo de admitir que aquelas matérias-primas tivessem sido recolhidas por outros “grupos 1” resultantes do fracionamento do “grupo 2” do Baixo Côa que para ali se dirigiriam durante a fase mais fracionada do ano.

Outras matérias-primas provêm de distâncias muito maiores, que correspondem quer ao centro da Meseta Norte, quer à Estremadura portuguesa. Embora várias hipóteses possam explicar esta realidade, a mais parcimoniosa parece corresponder à que admite que a região terá sido palco de agregações de comunidades provenientes de longas distâncias, que conformariam o que Binford (2001) apelou de “grupo 3”.

Esta hipótese é, igualmente, a que melhor se conforma aos resultados obtidos a partir da análise da distribuição e organização espacial da arte rupestre genericamente contemporânea que se identifica no interior da área definida pela distribuição das fontes de matéria-prima que se encontrou no Vale do Côa.

Estas agregações seriam momentos cruciais para a manutenção de uma ideologia que legitima as redes de solidariedade intergrupais necessárias para a sobrevivência destes grupos, particularmente importantes no contexto das fracas densidades populacionais que se verificariam nos territórios explorados anualmente pelas diferentes comunidades que aqui viviam ou se dirigiriam periodicamente.

Bibliografia

ALCOLEA GONZÁLEZ, J.J.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2006) - *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).

AUBRY, T. (2001) - L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A.M.F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia

(Trabalhos de Arqueologia, 17), p. 253-273.

AUBRY, T.; BARBOSA, A.F.; LUÍS, Luís; SANTOS, A.T.; SILVESTRE, M. (2016a) - Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Côa Valley (North-eastern Portugal). *Quaternary International*, 424, p. 113–129. doi:10.1016/j.quaint.2015.11.067

AUBRY, T.; CHAUVIÈRE, F.X.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J.D. (2003) - Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithiques supérieur de la basse vallée du Côa (Portugal). In VASIL'EV, S.A.; SOFFER, O.; KOSLOWSKI, J. (eds.), *Perceived landscapes and built environments: the cultural geography of Late Paleolithic Eurasia*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 1122), p. 83-92.

AUBRY, T.; CHAUVIÈRE, F.X.; SAMPAIO, J.D. (2009) - Informações obtidas com base nas remontagens da indústria de pedra lascada. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), p. 322-326.

AUBRY, T.; DIMUCCIO, L.A.; BERGADÀ, M.M.; SAMPAIO, J.D.; SELLAMI, F. (2010) - Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 3306-3319.

AUBRY, T.; GAMEIRO, C.; MANGADO LLACH, J.; LUÍS, L.; MATIAS, H.; PEREIRO, T. do (2016) - Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*, 3. doi:10.2218/jls.v3i2.1436

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2012) - We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 31, p. 528-550. doi:10.1016/j.jaa.2012.05.003

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2015) - Adaptation to Resources and Environments during the Last Glacial Maximum by Hunter-Gatherer Societies in Atlantic Europe. *Journal of Anthropological Research*, 71, p. 521-544. doi:dx.doi.org/10.3998/jar.0521004.0071.404

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J.D. (2009) - Estudo do aprovisionamento em matérias-primas. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), p. 131-169.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J.D.; SELLAMI, F. (2002)

- Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*, 76, p. 62-76.

AUBRY, T.; SANTOS, A.T.; LUÍS, L. (2014) - Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, P. (ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque "Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique"*, MADAPCA, Paris, 16-18 novembre 2011. Les Eyzies: SAMRA [Paleo, numéro spécial], p. 259-270.

BAPTISTA, A.M. (2009) - *O paradigma perdido: O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto; Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A.M.; REIS, M. (2011) - A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*, 13, p. 15-20.

BENTLEY, R.A. (2006) - Strontium isotopes from the earth to the archaeological skeleton: A review. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 13, p. 135-187. doi:10.1007/s10816-006-9009-x

BERNDT, R.M.; BERNDT, C.H. (1992) - *The world of the first australians. Aboriginal traditional life: Past and Present*. Canberra: Aboriginal Studies Press.

BINFORD, L.R. (1979) - Organization and formation processes: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35, p. 255-273.

BINFORD, L.R. (1980) - Willow Smoke and Dogs' Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation. *American Antiquity*, 45, p. 4-20.

BINFORD, L.R. (2001) - *Constructing frames of reference: an analytical method for archaeological theory building using hunter-gatherer and environmental data sets*. Berkeley: University of California Press.

CONKEY, M.W. (1980) - The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altamira. *Current Anthropology*, 21 (5), p. 609-630.

DAVID, B. (2002) - *Landscape, rock art and the Dreaming*. London and New York: Leicester University Press.

DESCOLA, Ph. (2005) - *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard (Collection Bibliothèque des Sciences Humaines).

DUPONT, C.; MARCHAND, G., (dirs.) (2016) - *Archéologie des chasseurs-cueilleurs maritimes. De la fonction des habitats à l'organisation de l'espace littoral*. Paris: Société Préhistorique Française (Séances de la Société

Préhistorique Française, 6).

ELLIS, C. (2011) - Measuring Paleoindian range mobility and land-use in the Great Lakes/Northeast. *Journal of Anthropological Archaeology*, 30, p. 385-401. doi:10.1016/j.jaa.2011.05.001

FÉBLOT-AUGUSTINS, J.; PERLÈS, C. (1992) - Perspectives ethnoarchéologiques sur l'échange à longue distance. *Ethnoarchéologie: Justification, Problèmes, Limites (XIIe Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes)*. Juin-les-Pains: APDCA, p. 195-209.

FERREIRA, A. de B. (1978) - *Planaltos e montanhas do norte da Beira: Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

GAMBLE, C. (1999) - *The Palaeolithic Societies of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

GÁRATE MAIDAGÁN, D.; RIOS-GARAIAR, J.; PÉREZ MARTÍN, R.; ROJA MENDOZA, R.; SANTONJA GÓMEZ, M. (2016) - Arte rupestre paleolítico al aire libre en el paraje de La Salud (Valle del Tormes, Salamanca). *Zephyrus*, 77, p. 15-29.

GOULD, R.A.; SAGGERS, S. (1985) - Lithic procurement in Central Australia: a closer look at Binford's idea of embeddedness in archaeology. *Antiquity*, 50, p. 117-136.

HERTELL, E.; TALLAVAARA, M. (2011) - High Mobility or Gift Exchange: Early Mesolithic Exotic Chipped Lithics in Southern Finland. In RANKAMA, T. (ed.), *Mesolithic Interfaces. Variability in Lithic Technologies in Eastern Fennoscandia*. Saarijärvi: The Archaeological Society of Finland (Monographs of the Archaeological Society of Finland; 1), p. 10-41.

HERZOG, I. (2010) - Theory and Practice of Cost Functions. In CONTRERAS, F.; FARJAS, M., MELERO, F. J. (eds.), *Fusion of Cultures. Abstracts of the XXXVIII Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology, CAA 2010 (Granada 2010)*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series 2494), p. 431-434.

HILL, K.M.; WALKER, R. S.; BOZICEVÍČ, M.; EDER, J.; HEADLAND, T.; HEWLETT, B.; HURTADO, A.M.; MARLOWE, F.; WIESSNER, P.; WOOD, B. (2011) - Co-residence patterns in hunter-gatherer societies show unique human social structure. *Science*, 331, p. 1286-1289.

IGREJA, M. de A. (2009) - Estudo traceológico das indústrias líticas de Olga Grande 4 e Cardina I: função, modo de funcionamento dos artefactos e outras inferências paleocomportamentais. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas*

do Paleolítico. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), p. 235-247.

INGOLD, T. (1988) - Notes on the foraging mode of production. In INGOLD, T.; RICHES, D.; WOODBURN, J. (eds.), *Hunters and Gatherers. Volume 1. History, Evolution and Social Change*. Oxford: Berg, p. 269-285.

JORGE, S.O.; ALMEIDA, C.A.F. de; JORGE, V.O.; SANCHES, M. de J.; SOEIRO, M.T. (1981) - Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*, 3, p. 3-12.

KELLY, R.C. (2005) - The evolution of lethal intergroup violence. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 102, p. 15294-8. doi:10.1073/pnas.0505955102

KELLY, R.L. (2013) [1995] - *The Foraging Spectrum: Diversity in Hunter-Gatherer Lifeways*. New York: Cambridge University Press.

KIMBER, R.G.; SMITH, M.A. (1987) - An Aranda ceremony. In MULVANEY, D.J.; WHITE, J. (eds.), *Australians to 1788*. Broadway: Fairfax, Syme and Weldon Associates, p. 221-237.

LAYTON, R. (2009) [1992] - *Australian rock art: a new synthesis*. Cambridge: Cambridge University Press.

LE GALL, O. (2009) - Archéo-ichtyologie et pêches préhistoriques: Résultats et perspectives. *Archéopages*, 26, p. 52-55.

LEE, R.B. (1972) - The Intensification of Social Life among the !Kung Bushmen. In SPOONER, B. (ed.), *Population Growth: Anthropological Implications*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 343-350.

LEE, R.B.; DALY, R. (1999) - Foragers and others. In LEE, R.B.; DALY, R. (eds.), *The Cambridge Encyclopedia of Hunter-Gatherers*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-19.

LEE, R.B.; DEVORE, I. (1968) - Problems in the study of hunters and gatherers. In LEE, R.B.; DEVORE, I. (eds.), *Man the hunter*. Hawthorne: Aldine de Gruyter, p. 3-12.

LEESCH, D. (1997) - *Un campement magdalénien au bord du lac de Neuchâtel: cadre chronologique et culturel, mobilier et structures, analyse spatiale (secteur 1)*. Neuchâtel: Musée cantonal d'archéologie (Archéologie neuchâteloise, 19).

LEROI-GOURHAN, A. (1973) - *Séminaire sur les structures d'habitat. Témoins de combustion*. Paris: Collège de France.

LEUSEN, M. van (2002) - *Pattern to process: Methodological investigations into the formation and interpretation of spatial patterns in archaeological landscapes*. Groningen: Rijksuniversiteit Groningen.

LUÍS, L. (2012) - Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa. In SANCHES, M. de J. (ed.), *1ª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], p. 69-80.

MAUSS, M.; BEUCHAT, H. (1905) - Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimo: Étude de morphologie sociale. *Année Sociologique*, 9, p. 39-132.

MCDONALD, J.; VETH, P. (2012) - The social dynamics of aggregation and dispersal in the Western Desert. In MCDONALD, J.; VETH, P. (eds.), *A companion to rock art*. Chichester: Willey-Blackwell, p. 90-102.

PLISSON, H. (2009) - Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air? In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), p. 436-443.

PRÜFER, K.; RACIMO, F.; PATTERSON, N.; JAY, F.; SANKARARAMAN, S.; SAWYER, S.; HEINZE, A.; RENAUD, G.; SUDMANT, P.H.; FILIPPO, C. de; LI, H.; MALICK, S.; DANNEMANN, M.; FU, Q.; KIRCHER, M.; KUHLMILM, M.; LACHMANN, M.; MEYER, M.; ONGYERTH, M.; SIEBAUER, M.; THEUNERT, C.; TANDON, A.; MOORJANI, P.; PICKRELL, J.; MULLIKIN, J.C.; VOHR, S.H.; GREEN, R.E.; HELLMANN, I.; JOHNSON, P.L.F.; BLANCHE, H.; CANN, H.; KITZMAN, J.O.; SHENDURE, J.; EICHLER, E.E.; LEIN, E.S.; BAKKEN, T.E.; GOLOVANOV, L.V.; DORONICHEV, V.B.; SHUNKOV, M.V.; DEREVIANKO, A.P.; VIOLA, B.; SLATKIN, M.; REICH, D.; KELSO, J.; PÄÄBO, S. (2014) - The complete genome sequence of a Neanderthal from the Altai Mountains. *Nature*, 505, p. 43-49. doi:10.1038/nature12886

RENFREW, C. (1975) - Trade as action at a distance: questions of integration and communication. In SABLOFF, J.A.; LAMBERG-KARLOVSKY, C.C. (eds.), *Ancient Civilization and Trade*. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 3-60.

SAHLINS, M. (1972) - *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine Publishing Company.

SANTOS, A.T. (2012) - Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, M. de J. (ed.), *1ª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), p. 39-67.

SANTOS, A.T. (2017) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Porto: Faculdade de Letras da

Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

SIKORA, M.; SEGUIN-ORLANDO, A.; SOUSA, V.C.; ALBRECHTSEN, A.; KORNELIUSSEN, T.; KO, A.; RASMUSSEN, S.; DUPANLOUP, I.; NIGST, P.R.; BOSCH, M.D.; RENAUD, G.; ALLENTOF, M.E.; MARGARYAN, A.; VASILYEV, S.V.; VESELOVSKAYA, E.V.; BORUTSKAYA, S.B.; DEVIESE, T.; COMESKEY, D.; HIGHAM, T.; MANICA, A.; FOLEY, R.; MELTZER, D.J.; MELTZER, D.J.; NIELSEN, R.; EXCOFFIER, L.; MIRAZON LAHR, M.; ORLANDO, L.; WILLERSLEV, E. (2017) - Ancient genomes show social and reproductive behavior of early Upper Paleolithic foragers. *Science*, 1807, p. 1-15. doi:10.1126/SCIENCE.AAO1807

TEIXEIRA, J.C.; SANCHES, M. de J. (2017) - O abrigo rupestre da Foz do rio Tua no contexto da arte paleolítica e pós-paleolítica do Noroeste da Península Ibérica. *Portvgalia*, nova série, 38, p. 9-48. DOI: 10.21747/09714290/port38a1

VIALOU, D. (1995) - Foz Côa, une découverte exceptionnelle. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (4), p. 765-766.

VIALOU, D. (2004) - Architecture de l'art pariétal paléolithique. In LEJEUNE, M.; WELTÉ, A.-C. (eds.), *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*. Liège: Université de Liège [ERAUL, 107], p. 7-14.

WALKER, R.S.; HILL, K.R.; FLINN, M.V.; ELLSWORTH, R.M. (2011) - Evolutionary history of hunter-gatherer marriage practices. *PloS one*, 6, e19066. doi:10.1371/journal.pone.0019066

WHALLON, R. (2006) - Social networks and information: Non-"utilitarian" mobility among hunter-gatherers. *Journal of Anthropological Archaeology*, 25, p. 259-270. doi:10.1016/j.jaa.2005.11.004

WHEATLEY, D.; GILLINGS, M. (2002) - *Spatial Technology and Archaeology: The archaeological applications of GIS*. New York: Taylor & Francis.

WIESSNER, P. (1982) - Risk, reciprocity and social influences on !Kung San economics. In LEACOCK, E.B.; LEE, R.B. (eds.), *Politics and History in Band Societies*. Cambridge; New York; Paris: Cambridge University Press; Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, p. 61-84.

WOBST, H.M. (1974) - Boundary conditions for Paleolithic social systems: a simulation approach. *American Antiquity*, 39, p. 147-178.

ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.

Figura 1 – Localização da arte da fase antiga e das ocupações gravettenses do Vale do Côa.

Figura 2 – Deslocação das matérias-primas a longa distância para o Vale do Côa durante o Gravettense. Identificam-se ainda as estações de arte rupestre da fase antiga referidas no texto.

Figura 3 – Modelo teórico para o contexto da presença de matérias-primas de longa distância no Vale do Côa (adaptado de Aubry *et al.*, 2012).